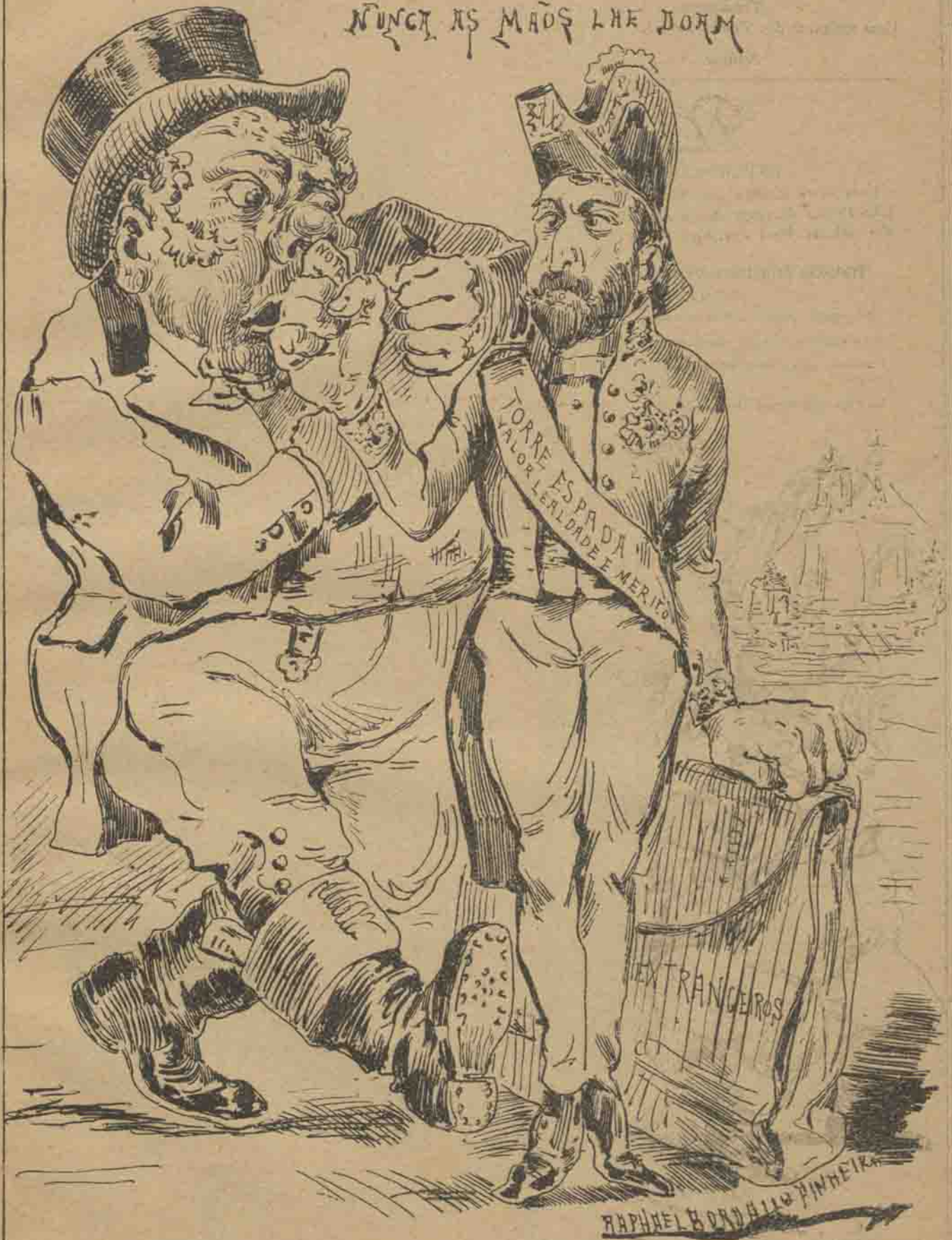


Entre um ministro e um larapio

NUNCA AS MÃOS LHE DOAM



Isso, arruma-lhe! A tua nota diplomatica, reconcilia-me com as mãos que tanto tempo levaram a despachar o premio do dr. Ferreira.

SUBSCRIÇÃO

PARA A INFELIZ CORISTA GORDA DE S. CARLOS

Transporte	10 000 réis
Uma assigante dos Pontos aos ii.	1 000 "
Somma	11 000 réis



EXPLICAÇÕES

Uma febre intensa impede o nosso collaborador João Risota de responder n'este numero ás piadas dos collegas. Para a semana.

(Tradução da ultima strophe da canção do Punch)

MORALIDADE

- Um macaco nunca deve entornar tinta em cima de um mapa.
- Mesmo quando o macaco seja um espectralhão de um portuguez.
- Repara-me para o amigo Punch — Jacko, oha que elle é rapaz de tromba.
- Ou toma cuidado com a bengala de John Bull.



Amigo Punch — aqui tens o uso que o macaco Jacko fez da bengala do teu John Bull.

CA E LA



Paris 15 de dezembro.

Um personagem de quem a Historia nos falla repetidas vezes, com a semiceremonia com que essa corteza costuma fallar dos homens por quem se apaixonou a valer, — exclamou um dia, n'um momento talvez embaraçoso da sua existencia:

— *Tout est perdu . . . fort l'honneur!*

Este grito que a Posteridade sente estar salpicado de nobre desespero e tambem de profundo orgulho, acaba de ser eloquentemente paraphrasedo em Lisboa, pela familia imperial brasileira . . .

A scena passou-se no dia 7 do corrente mez. O *Alagôas* tinha ancorado no Tejo de crystal (*estylô Thomaz Ribeiro*). E apenas a familia imperial se sentiu sob a protecção da bandeira azul e branca, ao abrigo do sopro da Revolução e da rhetorica intimativa do sr. Deodoro da Fonseca, ergueu os braços para o formoso gazometro, cujo aspecto é tão vergonhosamente sacrificado pela vista immunda da torre de Belem, — e exclamou em cõro:

— *Tudo se perdeu . . . menos o papagaio!*

Eis o que a Europa acaba de ouvir, contado pelos jornaes Lisbonenses. Este grito ficará ainda mais celebre, que o *apres moi le deluge* de Luiz xv. E a julgar pelo interesse e pelo carinho com que o papagaio do imperador foi levado, entre flanelas, do palacio de S. Christovam para bordo do *Alagôas*, do *Alagôas* para o nosso arsenal da marinha, e do arsenal para o *Bragança*, — pode-se dizer sem receio de se ser desmentido, que essa ave trepadora é no actual momento historico, não um animal de penna verde, formas pesadas, bico grosso e recurvo, mas a imagem d'um imperio que se desfez. . . E assim como o cão é o symbolo da fidelidade, o môcho o symbolo da sciencia, Melicio o symbolo do conselheirismo, — assim o papagaio é hoje o symbolo dos imperios que já não são d'este mundo. . .

E o papagaio, sob um governo monarchico, passará a ser uma ave illicita, clandestina, revolucionaria, attentatoria das instituições, e defeza, á janella de todo o cidadão: — como sob o governo do conselheiro Arrobas nos foi defeza assobiar a *Marselheza!*

Luiz xiv, outro individuo com quem a historia entreteve intimidades attentatorias da moral publica, não se pejava de o citar a cada passo, principalmente quando falla do seu reino, — exclamou um dia: — *L'etat c'est moi!*

O sr. D. Pedro II, com a philosophia que o caracteriza, dirá de futuro aos seus fieis, apontando para a gaiola onde a ave trepadora, e já hoje historica, estiver parlando:

— *L'empire c'était lui!* . . .



A *Agencia Havas*, com aquella ignorancia dos acontecimentos que tanto a caracteriza, ignorancia que é o seu maior titulo de gloria, e que faz com que realise milhões todos os annos, attendendo a que a Humanidade gosta mais de lér mentiras, do que ler verdades — a *Agencia Havas* tinha dito á Europa que o imperador trazia no seu sacco de viagem 5:000 contos, que lhe haviam sido dados pelo governo provisório, e que o imperador se apressou a guardar, com a mesma satisfação com que qualquer de nós o teria feito, se essa somma nos tivesse sido offerecida...

Esta noticia poz n'um tal estado de *contentamentum tremens* os hoteleiros de Lisboa, do Porto, de Paris e de Cannes, sem contar os donos de casas de banhos, os alfayates, os sapateiros, os cabelleiros, os médicos, os directores de theatro, os donos de trens d'aluguer, e outros sorvedoiros de notas do banco que ao saber-se isso, que em vez de 5:000 contos, a familia imperial se limitou a trazer um papagaio, como unica fonte de receita para pagar as facturas do exilio — muitos d'esses sorvedoiros acabam de ser fulminados pela apoplexia!...

Este papagaio é mais uma desillusão que o sr. D. Pedro II se está preparando. E parece-me mais facil descobrir a direcção dos balões, ou arrancar uma ideia da cabeça de Melicio — do que fazer d'um pápagaio uma carta de credito para os bancos d'Europa. A não ser que esse papagaio (ao qual talvez ensinaram a gritar: *Viva o imperador!*) fosse trazido do Brazil, na certeza de que n'um futuro bem proximo elle venha a ser o unico dedicado correigionario, d'aquelle que ainda ha dois mezes contava varios milhões de partidarios, e que no momento em que escrevo estas linhas talvez não conte scis partidarios e meio...

Digo *meio*, porque só como *meio* partidario pode ser contado o sr. consul do Brazil em Lisboa, que n'um dia bebe á saude da nova republica, e no outro beija respeitosa e não do ex-imperador.

Afinal o sr. D. Pedro II é um philosopho e um medico, conhecendo melhor o coração humano, e em especial o coração brasileiro, do que o doutor Charcot. E querendo talvez que no exilio o acompanhe constantemente o grito de *Viva o imperador!* — comprehendeu, e comprehendeu muito bem, que por estes tempos de egoismo desordenado, só um papagaio é capaz de usar os pulmões por uma ideia, e ter a coragem d'uma opinião!

Schopenhauer disse algures que aos sorrisos dos homens elle preferia o seu cão, agitando a cauda de contentamento, de cada vez que Schopenhauer lhe dava um pedaço d'assucar.

Como vêem, os philosophos tocam-se, e este cão vale bem aquelle papagaio!...



Um redactor do *Tempo*, que foi ao encontro do imperador, passou uma noite de dezembro fóra da barra, tiritando de frio, mettido n'um bote cacilheiro, para disparar a S. M. esta pergunta que elle havia meditado, enquanto apanhava um d'estes descommunes defluxos que são a gloria d'um *reporter*:

—«Constou que vossa magestade iria residir no Porto?»

Ao que o imperador, sorrindo, respondeu:

—«Não, de forma alguma. Portugal é já um paiz bastante civilisado, — mas ha outros...»

E o imperador acabou a phrase com uma reticencia.

Permitta o collega do *Tempo* que lhe diga, que foi justamente aqui que a sua *reportage* falhou; e que não valia a pena passar a noite fóra da barra, dentro d'um bote cacilheiro, para não desvend ar o mysterio, para não violar a ironia, para não medir toda a profundidade d'aquella reticencia!...

— *Voilà la scène à faire!* — exclama Sarcey de cada vez que um auctor dramatico falha a ideia d'um bom acto

Voilà l'article à faire! — Saber o que aquella reticencia tinha de ironico, ou de desdenhoso, ou de elogiioso para o nosso paiz! Por causa d'aquella reticencia, eu, redactor do *Tempo*, tinha comprado o commandante e a tripulação do *Alagôas*, tinha-o mandado sahír novamente a barra, tinha passado mais uma noite dentro d'um bote cacilheiro ou não, tinha apanhado um segundo defluxo, mas tinha de novo interrogado o sr. D. Pedro II:

— Diz Vossa magestade, sorrindo, que Portugal é já um paiz civilisado, mas que ha outros... O que ha então n'esses outros paizes porque vossa magestade tanto ancia?... Serão ahi mais bem tratados os reis no exilio?... Será a vida mais barata ou mais alegre; os cocheiros mais polidos; os conselheiros menos calvos; as camas mais fofas; o céu mais azul; as aves mais canoras; os regatos mais crystallinos; a brisa mais silenciosa; a viração mais subtil?...

Tudo conjecturas, horriveis conjecturas, em que a nossa alma se debate! Que mais terá dado a civilização a outros paizes, e que a civilização ainda não deu a Portugal?...

Só vejo duas prendas: — em Monaco, uma *roleta*; e em França, o Elyseu-Montmartre, com a *Goulue* dançando o can-can, erguendo a perna á altura do nariz e á altura d'uma instituição...

Será isto que falta em Portugal, para que este paiz no entender do sr. D. Pedro II, seja um paiz inteiramente civilisado?

That is the question!...

MARIANO PINA.



A PARTILHA D'AFRICA

(LEMBRETE AFFECTUOSO A MESTRE PUNCH)



O ultimo numero do Punch traz este desenho, allusivo ás gatinagens inglesas, no centro d'Africa: e versos por baixo, por signal que bem mais, referindo a seguinte historia alvar:

Jacko é um bugio muito desinquieto, que vendo um mappa d'Africa pendurada n'um muro, saltou a uma cadeira para brincar com elle: estava na banca, perto do mappa um grande tinteiro. — Aqui ficou elle alegre como um cuco. Agarra n'uma pena, mette-a no tinteiro e escreve sobre o mappa, a seguinte:

Este macaco porém é um trapalhão, que sujou as mãos e encheu o mapa de borrões de tinta (os borrões ingleses são de sangue) — N'isto entra o dono. E' John Bull, que ferra duas bengaladas no mono, o qual desanda a fugir.

Moralidade — macacos não devem brincar com mapas, mesmo sendo portugueses; do contrario arriscam-se a levar co'a bengala dos patrões.



JACK O ESTRIPADOR

Miseravel que esventras as pracas publicas, Jack the ripper, marujo ingles, facinora sadico, bebedor radicoso, perverso egoista — es a incarnação d'un paiz que sob a egide da civilização estirpa a Africa, impondo ao negro a sua detestada soberania, e rasgando-lhe as carnes com o chicote dos traficantes que p'ra lá mandas infamar a tarda de consules, ou a roupeta evangelica de missionarios. Bandido, a Europa conhece-te! E praza a Deus que o macaco do teu Punch, ainda um dia assista no tribunal do mundo, ao sentença das tuas villanias.

Ora até lá, como o macaco se apresenta a cantar victoria, e pera breve, deixemol-o responder á injuria com a injuria, afixando o Punch na região que melhor poder



A attitude dos jornaes portuguezes, perante a cruz tentativa de pondo de que lamós sendo victimas, por banda dos pic-pockets d'Inglaterra, é a mais solida e a mais uobre que poderia tomar a classe dirigente d'um paiz cioso dos seus havyros, e honrado pelas suas tradições e virtudes historicas.

Contrariando ella com o tom abandalhado da imprensa inglesa, que por entre as injurias vomitadas contra oós, apenas trae uma ridicula innocencia das coizas africanas. E pela sobriedade sãiva dos seus proffessores, e pelo calor da sinceridade com que vos levando aos centros da Europa, os porques do nosso direito, e a grande vez do nosso fero nacional menoscabado, ella absolvida, viva! dona! dos excessos e dos cruizes que intencionalmente ha' commetido.



RAPHAEL BORDALLO PINHEIRO

Pelos palcos

Ferreira da Silva tem a sua festa artistica na proxima semana, com a comedia drama de Halévy, *O abbade Constantino*, onde o sympathico artista detahará o papel que antigamente era feito por Eugenio de Magalhães. Todos conhecem *O abbade Constantino*, idyllio côr do rosa, bordado sobre um fundo de personagens e episodios côr de lilaz, desculpando-se do alambicado pela especie de graciosa frescura que resembra. Na arte do theatro ha peças artisticas, escriptas de proposito para os *raffines*; peças d'analyse, escriptas para a exigencia dos profundos psychologos, e peças de *fanfreluche*, intencionalmente concebidas n'esse programma d'innocencia tranquilla e de virginal serenidade, d'onde não podem sahir as almas das raparigas solteiras e dos namorados platonicos. Ao espirito fatigado pelas aridissimas disseccões do moderno romance, estas candidas historias de gente boa, como a que se move no cyclo de açõ do *ABBADÉ CONSTANTINO*, são como um repouso que se agradece: não que ellas nos reconfortem da fadiga de lutar, nam reconduzam o ser a um ideal de ventura, ha muito morto: mas simplesmente porque é doce, mesmo aos desiludidos, assistir a uma d'essas phantasias do que seria a vida, se tantos dissolventes sociaes lhe não houvessem estragado a nasçença, as primitivas intenções.

Em todos os paizes ha publico para esta litteratura de meia tinta, como a do *ABBADÉ CONSTANTINO*, e n'esse publico contingente, de mulheres, filhas e mães, que avidamente a applaudem, coitadinhas, como a recordarem-se á ternura dos artistas, que modernamente se vão recusando a fazer d'ellas, o protagonista absorvente e exclusivo das suas obras. Nós tivemos um romancista, Julio Diniz, ainda hoje vivido na sympathia dos interiores de familia, que teve como nenhum, a comprehensão d'esta amavel honestidade litteraria, que faz da arte uma especie de aparelho de fractura da moral. Merece de causas complexas, não tiveram as comedias tiradas dos seus livros, o applauso e o favor que esses livros disfructaram; e valeria a pena metter braços de novo á tentativa, e extrahir da *Morgadinha*, das *Puyllas*, e das *Fidalgos da Casa Mourisca*, comedias simples e caracteristicas, que sem violarem o texto, fossem corrigidas no entanto, pelo dramaturgo adaptador, das muitas velharias e deficiencias que os romances ja hoje devem ter.

O que mais me serve, n'esta graciosa historia d'amor do *ABBADÉ CONSTANTINO*, é a egualdade cristalina dos personagens e dos detalhes, insensivos mas moços, pallidos mas rythmicos; é a delicada e mulheril intençaõ da obra d'arte, onde o romancista, um *viveur* de Paris, se impõe perante as mezinhas que o leem, a missõ d'uma mestra ingleza de caracões, enternecida e grave, positiva e confescente, esperando tudo de Deus e dos deveres cumpridos, gostando do amor pela porta do matrimonio, e admitindo as entrevistas das *misses*, os alferes de cavallaria, desde que elles saibam cortar alfezes nos dos passaes, e tenham a esandar-lhe o porte, o attestado d'um tio padre, inverosimilmente ingeny e desinteressado.

O *ABBADÉ CONSTANTINO* teve em D. Maria um razoavel desempenho e *mise-en-scene*, e só haveria a corrigir aqui e além, pequenos exageros, senões modestos, para que a peça nada, absolutamente nada deixasse a desejar. E' de suppôr que esta *reprise* nol-a traga mondada das inexactidões com que primeiro a vimos, e o publico não poderá deixar de contar entre as surpresas d'ella, a creação que Ferreira da Silva sem duvida ha-de fazer no typo do official de cavallaria, que Eugenio de Magalhães por doença, resignou.

—O Principe Real põe em scena, para beneficio da actriz Amelia Vieira, uma peça nova, em prosa, do sr. Lopes de Mendonça, a qual tem por titulo *JOANNA*, e gira sobre episodios da vida do povo. Amelia Vieira faz o papel principal, e é de prevêr que com as vehemencias do seu jogo scenico, tão apaixonadamente querido dos frequentadores do seu theatro, ella encontre no drama, textura á larga para se talhar ao vivo uma figura impressionante. Na proxima sexta feira, que é o dia marcado para a festa, iremos saudar com equal deferencia, o trabalho dos dois, comediante e dramaturgo.



—E visto estarmos em maré de coisas artisticas, registremos o triumpho que Elvira Peixoto alcançou ha poucos dias, no concerto da *SOCIEDADE DOS AMADORES DE MUSICA*, onde debutou como rabequista, n'uma altura de processos, a deixar maravilhado o auditorio. Elvira Peixoto é apenas uma creança, pois conta apenas quinze annos incompletos. Começou a estudar ha tres annos, com Victor Hussla, e já agora se revela em toda a expansão d'um talento musical, serio e seguro. No retrato que d'ella damos, lê-se um *não sei que* de fino e lamépante, que a idade apaga ás vezes do rosto das creanças, mas que outras vezes fixa e accentua, mordendo-lh'o, desde essa hora, com um implacavel sello de predestinação e de genio.

Por ahí...



EM S. CARLOS

Repara n'aquelle critico,
Severo qual lei do Codigo;
Magrinho, pardo, rachitico,
E' de applausos tão somitico
Como em verrinas é prodigo.

Em musical transcendencia
E' doutor entre os doutores;
E ante a sua sapiencia
Tem passado em continencia
Dez gerações de cantores.

E entre todas essas dez
Nem uma boa! — nem meia! —
—Peço perdão... d'uma vez
Applaudiu dama soez
... Que o convidava p'ra a ceia...

De resto, muito severo
Quando o olhar severo franza!
—Faz tremer, n'esse olhar fero,
Desde a romanza ao bolero,
Desde o bolero á romanza!

Tendo no fundo estudado
Quanto em op'ras corre escripto,
Só não consegue — coitado! —
Rosnar, um pouco afinado,
A canção do pirolito!



Mais atraz, n'aquella frisa,
Vês a Marquinhas Nogueira:
Alma pura e branca e lisa,
Qual peitilho da camisa
Ao chegar da engommadreira...

Já tem stado p'ra casar
Quantas vezes... — mais d'um cento!
Mas, o momento a chegar,
Logo um caso se hade dar
Que desmancha o casamento!

Sempre co'a mesma cantiga
Os noivos seguem-se aos ranchos;
E a sobre da rapariga,
Casta — em verdade se diga —
Já está farta de desmanchos!



Encostado ao parapeito
Do seu bello camarote,
Nota-me aquelle sujeito,
De bigode tão direito
Como a pinta d'um chicote.

Haverá talvez dez annos,
Que o conheci, em chincellos,
Suado até aos tutanos,
A arrojear pedras e canos,
P'ra os lados de Massarellos.

D'ahi, marchou p'ra os Brazis,
Onde esteve até á data:
Em negocios foi feliz
E tambem — ao que se diz —
Nos amor's co'uma mulata...

E ha coisa de quinze dias,
Ou desoito, ou tres semanas,
Voltou das longas vigias
Carregado de honrarias,
Contos de réis — e bananas

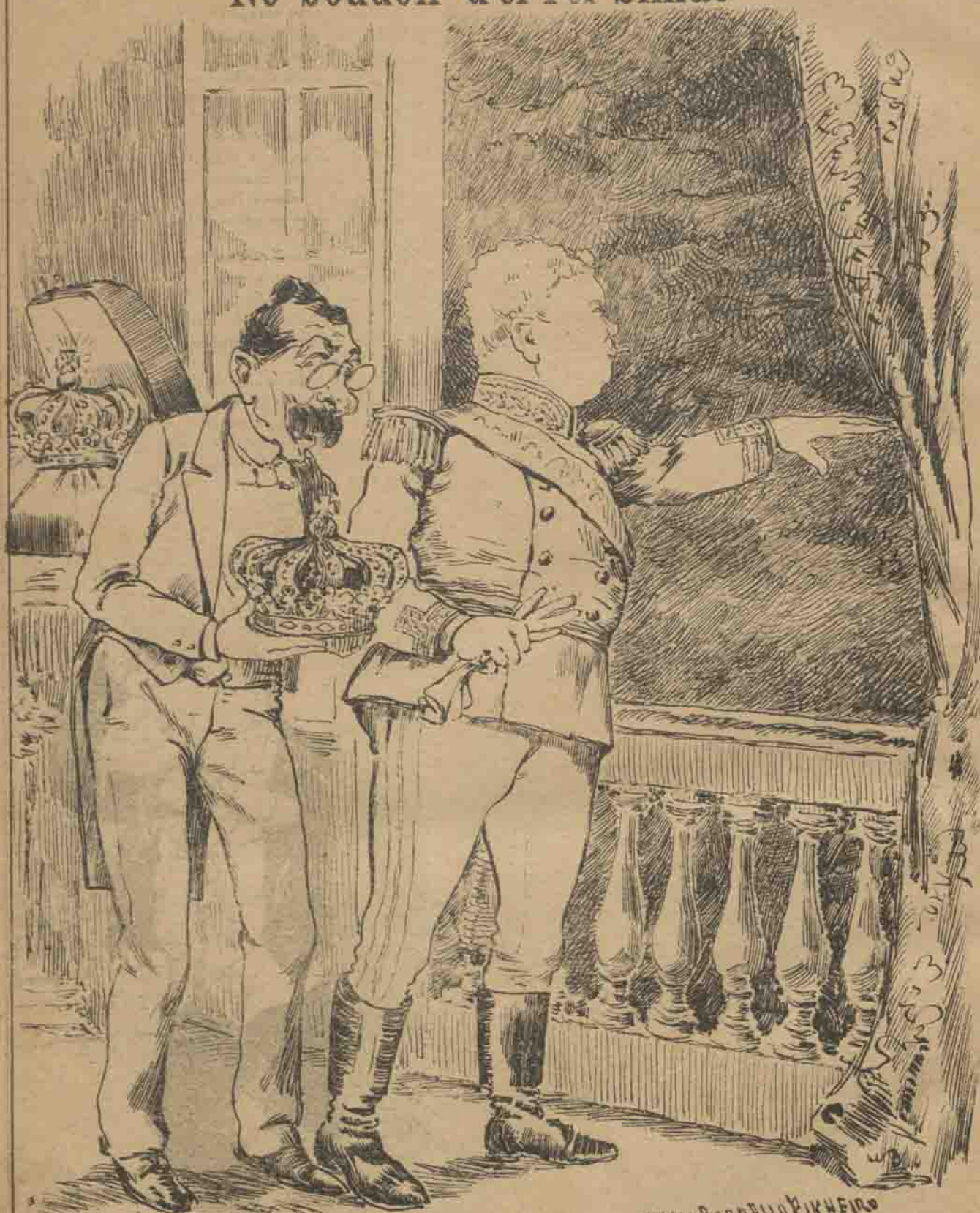


O inclito Melicio continua a iatit-lar-se o organi-
sador da Exposição de Paris.



Decididamente este Melicio é o Clown-Auguste das
Exposições. Sua e agradeço.

No boudoir d'el-rei Simão



— Não te pareço, Luciano, que o tempo se vae pondo entroviscado?

— E' talvez das nuvens, mas é tambem um pouco das ideias. Eu se fosse ao menino, levava antes á aclamação a côrda velha. A nova pôde marcar-se com o mau tempo, e ressentir-se toda a vida d'essa primeira apupadella.